

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 26000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 40

O DOMINGO.

MARANHÃO, 23 DE MARÇO DE 1873.

Por affluencia de serviço nesta typographia, deixou de sabir este numero domingo passado; nada perderão os Srs. assignantes com esta interrupção, visto prolongar-se o trimestre, que acbava em 30 de março, até 6 do mez seguinte.

NOTICIAS DA PACOTILHA.

Apezar de ter á minha disposição espaço no *Domingo* para narrar aos leitores e commentar a meu modo as noticias de uma enorme quinzena, nada vejo no mundo das commoções que cause algum alvoroço no animo das massas.

Por ter ensejo de dar boas e frescas noticias aos benevolos leitores, já me lembrei de inventar 10 assassinatos no Ba-

FOLHETIM DO DOMINGO.

O mestre-escola.

POR

PAULO DE KOCK.

(trad. por A. A.)

(Vid. o n. 9.)

Um dia travou-se entre o Sr. e a Sra. Mathias o seguinte dialogo:

—«Sr., quando nos casamos, eu tinha 15:000 francos de rendimento, e restam-me apenas os diamantes que me deu o meu defunto e incomparavel marido: o Sr. devia ser ministro, pelo menos, e não é, ao menos, caixeiro de um escriptorio. Quaes são as suas touções, não me dirá?...»

—«Sra., antes de ser papa, Xisto V, que então se chamava *Felix Perretti*, guardava porcos. Urbano IV foi sapateiro em Troya e Adriano IV mendigou.

—«O que significa isso? acaso quer o Sr. guardar porcos, com esperanças de ser papa?...»

—«Não, Sra.; mas isto prova que não se deve desesperar do destino e que o mérito, cedo ou tarde, é devidamente recompensado. Quanto á nossa fortuna, *Deus dederit, Deus abstulit!*

—«Sr., eu não sei latim!...»

—«Tanto peor para a Sra.; eu posso ainda ensinar lh'o. Catão aprendeu o grego com oitenta annos.

—«Pelo amor de Deus, trate antes de ver si se arranja, para não morreremos á fome.

canga e 3 incendios na Maioba; dissuadime porem desse proposito, lembrando-me que nem a Maioba tem 3 casas nem o Bacanga 10 moradores.

Como a poesia anda em moda, lembrei-me tambem de desenterrar as cordas de uma bandurra velha, que floresceu no tempo ido dos mottes e das elegias, na epocha morta das Marcias e das Alziras.

A lembrança, porem, de apanhar alguns couces do Pegaso, que, apesar de ser quadrupede, mereceu as attentões de Virgilio, Hesiodo e Homero, o que não acontece á todo e qualquer bipede, desvaneceu-me esse louvavel proposito.

Demais a poesia está hoje para os combrães, gente muito parecida com os deuses da mythologia, que não podem fazer uma decima sem subir aos Andes, nem rimar uma oitava sem desafiar o infinito.

O Sr. Mathias encolheu os hombros e foi passear: sua mulher, vendo que elle não lhe dava ouvidos, tratou—ella propria—de arranjar-lhe um emprego.

Quando lhe perguntavam o que seu marido sabia fazer,—*sabe tudo*—, era a sua resposta, a qual, embora dita com segurança, pouca confiança inspirava; porque geralmente, afinal de contas, nada sabem as pessoas que se dizem sabichonas.

Entretanto, foi tão assiduo o trabalho da pobre senhora, que conseguiu, para elle, um lugar de guarda-livros em uma casa de commercio: o Sr. Mathias accceitou-o, esperando sempre que nomeassem-no, ao menos, director da instrução publica.

Mesmo com o *diario* e o *razão* entre mãos, o nosso homem occupava-se sempre de averiguações scientificas. Um bello dia, querendo seu patrão saber o que devia á um dos seus correspondentes, tomou o *diario* e leu: Os Cathargineses deram á Hespanha o nome de *Hispania*, derivado de *spaniam*, que, na lingua dos Phenicios, de quem decendiam os Cathargineses, significa *paiz dos coelhos*, porque acharam grande numero desses animaes no paiz. Nas medalhas romanas, a Hespanha era representada sob a figura de uma mulher, que tem um coelho aos pés.

Foi violenta a colera do commerciante: chamou o guarda livros e disse-lhe:

Dito isto, saiba o leitor (não é muito de presumir que o não saiba), que tiveram logar—a precissão do Senhor da Columna e a do dos Martyrios, em suas respectivas igrejas, com toda a pompa e esplendor de costume, o que é *de costume* dizer de todas as festividades religiosas da nossa terra, embora não se pareçam nada umas com as outras.

Appareceu na arena jornalistica no dia em que sabio o ultimo numero do *Domingo*, o *Bond*, jornal, que junta ao programma d'aquelle a circumstancia de ser recreativo. O *Bond* logo ao primeiro—*lho, ha*—do seu conductor, *descarrilhou* e, segundo me consta, está mettido em calças pardas não sei porque, nem porque não.

Diz o primeiro artigo de fundo do *Bond*, que nasce das cinzas da *sympathica Brisa*. O que eu digo é que com a

—«Que significam estas garatujas, Sr.? quero saber á quantas ando com um negociante que me tem feito consignações, e em vez da conta corrente, encontro catharginezes e coelhos!!!»

—«O Sr. respondeu philosophicamente Mathias, o que chama garatujas não é mais que uma prova de minha erudição. Pelo amor de Deus! eu estava fazendo algumas reflexões sobre o commercio; lembrei-me que foram os Phenicios os primeiros negociantes, os Phenicios recordaram-me os Catharginezes, e os Catharginezes me fizeram lembrar...»

—«Basta, Sr.: d'hoje em diante vá escrever as suas reflexões onde lhe parecer. Não é a primeira vez que vejo asneiras suas nos meus livros; o Sr. é muito distrabido: póde ser sabio, mas nunca guarda livros; si eu o conservasse mais um mez em minha casa, o que seria da minha escripturação?...»

Mathias cumprimentou o seu ex-patrão, e afastou-se, murmurando:—*Numerus stultorum est infinitus!*

Sabendo que seu marido se achava desarranjado, a Sra. Mathias pôz-se a chorar, e disse:—«O que será de nós?»

—«O philosopho, Sra., de pouco precisa para viver. Diogenes morava n'um tunel!»

—«Si o Sr. me tivesse prevenido que era esta a sorte que me reservava, não nos cazavamos de certo.

O Sr. Mathias foi procurar um volume de Sé-

Brisa só se parece na composição typographica, querer porem comparar os estylos de seus artigos, é comparar a buça ao crystal. E' vindo de outra pipa.

Termino, noticiando que ha um clarinetista italiano na terra, recommendado pelo maestro Colás; que o buraco do Ribeiro está cada vez maior; que a rua do S. Estê é em calcamento; que ha uma especie de *Emopolitica* na rua Grande, aberta a concorrência publica, e que não teve exito a dissidência da Sociedade Popular do Trabalho, proposta pelo Dr. M. M. Pereira.

Os leitores hão de provavelmente dizer-me que descobri mel de pau; si dou-lhes, porem, novidades velhas é para variar, porque, apesar de casado, gosto muito das variações.

Ponto aqui o suspirado ponto final, declarando que sou o primeiro a reconhecer que—quem chama á isto *noticias*, chama *charuto*—assobio!

O Domingos.

Pedro e Camilla.

(Trad. de Alfred de Musset.)

(Continuação da II. P.)

IV

—E no entanto ella é bella! repeta o cavalheiro; e Camilla com effeito o era. No perfido oval de um rosto regular, sobre traços de uma pureza e frescor ad-

nêa, em que aconselha o desprezo ás riquezas, e o apresentou á sua mulher, que o atirou pela janella á rua.

A pobre senhora tratou ainda de empregar o marido; mal soube que o tendeiro da espinha despedira o caixeiro, apressou-se a ir fazer-lhe a sua proposta.

O tendeiro era um homem rogado e porco, que tratou immediatamente de saber si o Sr. Mathias tinha pratica do seu commercio.

Elle *sabe tudo*,—respondeu conscienciosamente *Sapfo*.

—Nesse caso, disse o tendeiro, não lhe pergunto mais nada.

Curtius revoltou-se á principio contra a ideia de ir servir a um tendeiro:—Um sabio a vender queijo e pimenta!...—Mas a Sra. Mathias, que tinha uma memoria de anjo, e não era tão tola como se persuade o leitor, atalhou immediatamente:

—O Sr. me tem dito por diversas vezes que Porsso, rei da Macedonia, foi carpinteiro em Roma; que Pedro o Grande trabalhou na Hollanda como um simples opporario e que Nisto V guardou porcos...

—É justo, respondeu elle, e resignou-se a ir servir ao balleão.

Não tardou muito que o tendeiro descobrisse que o seu caixeiro misturava alhos com bugalhos—assucar com sabão, pimenta com arroz; pesava uma libra á quem lhe pedisse uma quar-

miraveis, brilhava a claridade de um coração. Camilla era baixa: não pallida, porem muito alva, com longos cabellos negros. Alegre e activa, ella seguia seu natural; triste com doçura, e quasi com melancolia quando a tocava o pezar; cheia de graça em todos os movimentos, espi-rituosa, e algumas vezes energica em sua pantomima, singularmente industriosa em se fazer ouvir, prompta á comprehender e sempre obediente logo que comprehendia. O cavalheiro tambem ficava muitas vezes, com Mm. d'Arcis, á observar a filha em silencio. Tanta graça e belleza, junta á tanto horror e infelicidade, era para perturbar-lhe o espirito: vião-n'o abraçal-a muitas vezes, dizendo alto:—E entretanto eu eu não sou um máo homem!

Havia no bosque uma avenida, ao fundo do jardim, onde o cavalheiro costumava passeiar depois do almoço. Da janella de sua camara, Mm. d'Arcis o via ir e vir por entre o arvoredado. Não ousando acompanhal-o, ella observava este homem que havia sido para ella mais amante que esposo, de quem ella jamais tinha ouvido uma censura, de quem nada podia dizer e que não tinha mais a coragem de amal-a, porque era mãe.

Elle arriscou-se um dia a desceu de penteador, o coração palpitante, bella como um anjo; tratava-se de um baile de cre-

ta; dava laranjas ao comprador de batatas e levava a discutir e a fazer citações durante meia hora a cada freguez.

—Meu claro, disse-lhe um dia o tendeiro, a sua mulher disse-me que o Sr. sabia tudo, e eu acho que não sabe mais que tagarellar e falar de cousas que ninguém entende! Pox-me a tenda do cabeça para baixo, dando me um prejuizo exorbitante: tenha a bondade de pôr-se no olho da rua.

Mathias sorriu desdenhosamente, lançou sobre o balleão o avantal e o barrete que lhe haviam dado, e voltou aos pentes, murmurando: *Plus negare potest asinus quam probare philosophus.*

Sabendo que seu marido ainda uma vez estava desarranjado, a Sra. Mathias cahio em um abatimento, em uma tristeza, que, atacando-lhe o peito, fez com que, em poucas semanas, se achasse virvo o nosso encyclopedico heroe que perdendo-a, disse o mesmo que havia dito, em latim, ao perder a fortuna: *Deus m'a deu, Deus m'a tirou.*

Ficou ainda muitos mezes em Paris; desgostoso, porem, da pouca attenção que lhe prestavam; descontente de si, como do proximo, recordou-se da aldeia, onde durante tanto tempo havia sido mestre-eschola, e disse com seus botões:—Vale mais a pena ensinar o *ba—ba* a paysanos que nos escutam com respeito, do que falar de litteratura e historia á quem nos não presta a menor consideração. Voltemos á Couberon.

anças que devia ter logar em um castello visinho. Mm. d'Arcis queria levar Camilla á ver o effeito que produziria sobre seu marido e sobre os estranhos a belleza de sua filha. Ella passava noites em claro a pensar no vestido que lhe fazia; e sobre este projecto formava as mais doces esperanças.—

—E' preciso, pensava ella, que elle se sinta activo e que os outros tenham inveja, uma vez por todas, d'esta pobre pequena.

Ella não fallará, porem será a mais bella.

Logo que o cavalheiro vio chegar sua mulher, adiantou-se e tomou-lhe a mão, que beijou com uma respeitosa galanteria que lhe vinha de Versailles e da qual nunca se apartava, apesar de sua natural bonhomia. Elles começaram por trocar algumas palavras insignificantes e depois pozerão-se á passeiar á par um do outro.

Mm. d'Arcis procurava de que modo propriaria ao marido deixar ir a filha ao baile, rompendo assim a determinação que elle havia tomado de abandonar o mundo depois que nasceu Camilla.

Só o pensamento de expor sua infelicidade á vistas indifferentes, punha-o quasi desorientado; e, tendo elle communicado formalmente sua vontade sobre este as-

O Sr. Mathias poz-se a caminhar com a mala aos hombros. Havia cinco annos que deixara a aldeia. Depois disso, um outro mestre-eschola havia-o substituido: era um homem instruido, mas simples e modesto: as suas lições eram perfeitamente comprehendidas pelos seus discipulos, pois lhe não fallava em termos impopulares. D'esse modo havia-lhes feito comprehender um pouco de agricultura, de mechanica, de historia natural, tendo sempre o cuidado de não empregar termos technicos, que aquella boa gente não entendia.

O antigo professor mordeu os labios: conheceu que seu successor tinha obrado com mais reflexão e disse consigo, para consolar-se:—Apezar de tudo isto, sou mais erudito do que elle.

Não teve remedio senão contentar-se com o logar de decurião da escola que havia dirigido. Raramente passeiava na aldeia: a filha de João-gordo estava casada, tinha já tres morgadinhos, e tudo isto enquanto o Sr. Mathias comia, em Paris, a fortuna de sua desditosa mulher.

Mas Joanninha não estava mais adiantada na prosodia. Era o que consolava o Sr. Mathias, que repetia:

—Eu podia lá viver com uma mulher que diz:—*Vem cá, meus filhos?*...

sumpto, era preciso que Mm. d'Arcis achasse um gesto, um pretexto qualquer, não somente para executar seu designo, mas para fallar nelle.

De seu lado, durante este tempo, o cavalheiro parecia reflectir muito. Elle foi o primeiro a quebrar o silencio. Um negocio entre parentes, disse elle á sua mulher, acabava de trazer grandes desarranjos de fortuna á sua familia; era importante, para ambos, cuidar nas medidas que se devião tomar; seus interesses, e por consequencia os de sua mulher, corrião risco de comprometterem-se á falta de cuidados.

Portanto elle annunciou-lhe que breve seria obrigado á fazer uma curta viagem á Hollanda para entender-se com o seu banqueiro; e acrescentou que, sendo o negocio de extrema urgencia, elle tencionava partir na manhã do dia seguinte.

Mm. d'Arcis comprehendeu facilmente o motivo d'esta viagem. O cavalheiro estava bem longe de pensar em abandonar sua mulher; porem, a pesar seu, experimentava uma irresistivel necessidade de se isolar por algum tempo, ainda que fosse para voltar mais tranquillo.

A maior parte das vezes a verdadeira dor traz ao homem esta necessidade de solidão, como aos animaes o soffrimento phisico.

Mm. d'Arcis ficou de tal modo surpreendida, que só respondeu com estas phrases banaes, que sempre vêm aos labios quando se não pôde dizer quanto se pensa: achou natural a viagem; o cavalheiro tinha razão, e ella, reconhecendo a importancia d'aquelle passo, não se lhe oppunha de modo algum. Enquanto fallava, a dor comprimia-lhe o coração; ella pretextou achear-se cansada e sentou-se em um banco.

(Continúa.)

A. Gabriel.

Toques e retoques.

Sou ainda moço, nasci na actualidade e porisso, com estas luhas, não tenho outro intuito se não dizer algumas palavras em defeza dos nossos costumes, a proposito d'um artigo do Sr. Nestor Junior, publicado em folhetim no País de 8 do corrente.

Chore embora cada um o seu tempo, lembre-se com saudades os seus folguedos de infancia, divertidos e innocentes; diga que as suas tardes eram frescas, que os seus dias eram limpidos e frouxo o luar da noite; mas não condemnem tão demasiadamente os nossos dias, negando-lhes até as bellezas e tudo o que teem de su-

blimo, a ponto de esquecerem que a natureza de então era a mesma de hoje, e que o sol, a lua e todos esses astros scintillantes e bellos, desde a creação do universo, teem sido tambem os mesmos, e que mal seria de nós si esse grande machinismo do Supremo-architecto se desorganísasse.

Quanta crueldade e injustiça quando se quer exaltar o seu tempo e censurar o nosso!

Dizem que nessas idas idas os noivos eram escolhidos ou contractados unicamente pela conveniencia e necessidade, e não como hoje—pelo amor, pela inclinação, pela amizade, e sustentam que só d'aquelle maneira poderiam e podem os consortes viverem satisfeitos e felizes.

Mas eu é que não tenho esta opinião. Si no seculo passado assim era, em vez de sentir a donzella apenas uma commoção com a noticia do seu casamento, e depois d'elle, caso certo, ser ditosa, vivendo em santa paz, parece-me que, muitas vezes, teria de experimentar dores acerbadas e muito soffrer si a escolha de seus paes não recabisse em aquelle por quem ella já sentisse sincera affeição, por quem nutrisse verdadeira amizade; pois não posso concordar que n'esse tempo não hovessem esses sentimentos tão sanctos e de que tenho sempre ouvido fallar mesmo em historias de caducas eras.

E demais, quem é que pôde decifrar o insondavel fado do homem? Qual o calculo humano que seja infalivel? Quem pode estribar-se na fortuna ou na conducta illusoria ou mesmo real de outrem, quando são certas as oscillações do dinheiro, e é vario o pensamento do homem?

Não se me venha tambem dizer que só na abundancia e na independencia reina a inteira felicidade.

No casamento não deve haver um calculo mercantil, como se pensa no artigo a que alludo. O homem casa-se porque precisa d'uma companheira amiga e fiel (como é preceito de Deus e da igreja), que lhe suavise as dores, lhe alegre os dias e o ame desinteressadamente. O mesmo dá-se com a mulher, vice-versa.

Portanto, para que desprezar estas verdades manifestas, estas consequencias infalíveis?

Si duas almas que se amam, dous corações que se agitam, duas vidas que se prendem, é provavel de acontecer que no futuro desapareçam e sejam signaes evidentes da infelicidade d'um consorcio, como não se há de pensar quando forem os laços do hymineu consumados pelo

unico motivo do interesse e dos calculos?

Não se adulterem tambem os factos: diga-se a pura verdade.—Não são as donzellas, minhas contemporaneas, quem, depois de escolher o seu noivo, justam o seu casamento e fazem d'elle participação anticipada á seus conhecidos. Não; são seus paes, que depois do *pedido que lhe fazem*, sabem si é da vontade d'ellas, indagando ainda do procedimento dos noivos, quando não os conhece, e marcam depois o dia das nupcias; acontecendo muitas vezes, quando sabem dos máos precedentes ou o que quer que desabone o escolhido por suas filhas, serem os mesmos quem por conselhos saluctares as fazem ainda mudar de idéas e olvidarem-se de quem imerecidamente lhe soube prender o affecto.

Condemno o namoro escandaloso, o namoro que depõe contra a donzella que se desconceitua na sociedade. Essas são por que falta-lhes a educação, o discernimento e a reflexão—essas são umas doudas que não teem o sentimento e talvez—o recato e o pudor.

Não prendam porem aquellas cujos dotes e capacidades a distinguem, e que, moderadas e prudentes, veem o seu predilecto, o escolhido do seu coração; porque seria então prohibir de termos o mais sancto e natural sentimento d'alma—o amor.

E não se diga que eu fello apaixonado. Não. Ao contrario: já sou casado, e com meu consorcio dou mesmo um exemplo d'esta minha asserção. Casei-me, ou por outra, casou-se connigo a virgem que sempre amei, não por calculos, mas por mutua affeição, e até hoje, temos sempre, mercê de Deus, bendito a rossa noião, que nos tem dado uma vida de doce paz, de tranquillidade e de delicias.

A. B.

Março de 1873.

Carta V.

COMPADRE ESTANISLAU,

Com esta é a terceira carta que lhe escrevo, e só de duas recibi resposta. A ultima recebida é a que V. me escreveu depois da primeira, e na qual me conta o muito que se adivertio com a mascarada. E digam lá que agoas passadas não movem moihos!

Eu creio que o filho de meu pae não se mascarava nem á mão de Deus Padre! Mas o que eu não pude entender, com os tresentos, foi que V. se vestisse de *dominó*! No meu tempo o *dominó* era um jogo;

mas enfim, como hoje anda tudo mudado, como casaco já se chama *frak*, carro já se chama *band*, não me admira que haja alguma vestim'enta chamada *dominô*.

Pois, compadre, eu acho que V. fez uma grandíssima asneira, com os tresentos; mas como estamos em tempo de quaresma, com os quinhentos, peça a Deus que lhe perdõe os peccados, com os seiscentos.

A historia da cabelleira tambem me tem dado que fazer, palavrinha. Pois dar-se o caso que V. compadre...? Qual! arrecei a carga no chão.

Metten-se-lhe o diabo no corpo, não ha que duvidar.

Mudemos de conversa, compadre.

Saiba V. que mais dia menos dia case-se a filha do capitão Juca, que está gorda e rechunchada como um dos pés de couve da nossa horta. O noivo é o Zeca, primo do cunhado de meu primo Manduca e eu vou ser padrinho do casamento, com os tresentos. Como, enfim, é um uso que todo o mundo segue este de se fazer presentes à noiva, quando si é padrinho da noiva, e sendo a noiva, noiva de um amigo e filha de outro amigo, peço-lhe que me mande, por seu favor, pelo igarité *Boa Viagem*, por mão do mestre que é o Polydoro maneta, os seguintes objectos que são para o casamento da noiva do amigo que vai ser genro do outro amigo... Eu parece-me que já lhe disse isto... Ora! o que abunda não prejudica. Os objectos são:

Uma lata de botachas de soda, dessas de folhas de flandres; uma duzia daquelles lenços ramalhados que têm uns cupidos de mãos dadas, com muitas flôres, e que umas poesias em verso nas pontas:

*(Este lençinho é signal
Da nossa pura união;
Quero em troca um ternio olhar
De teu meigo coração);*

pataca e meia de robuçados de rosa, uma duzia de liôr de canella e uma peça de chita de pataca, de uma azul com flôres amarellas.

Mande-me as cousas que lhe metto um boi no campo.

Saiba mais V. que vou à cidade para o meiado de abril, com os quinhentos, por isso prepare casa, com os seiscentos. A mulher fica e o pequeno vai para o Seminario que eu o quero para padre. Não crio filhos para pedreiro livre.

Não se esqueça das encommendas, que são para a noiva que é filha do amigo que vai ser sogro do amigo que é pae da

noiva, as quaes devem vir pelo igarité *Boa Viagem*, por mão do Polydoro e são para o casamento da noiva, que é... Adeus, compadre, estou hoje em marê de repetições. Aceite um abraço de minha mulher e lembranças... quero dizer, lembranças do Chiquinho... não, lembranças de minha mulher, e um abraço do Chiquinho, com os seiscentos.

Seu compadre.

Francisco.

A Rezende.

*Eu te notei, meu heróico do namoro
Quando mal me esperavas... talvez!*

Tezica de Mello.

Enfim te vejo, estrella da alvorada,
Perdida nas collagens do horizonte!
Enfim te vejo, vaporosa fada,
Dolente preza de um sonhar insoute!
Enfim de meu peregrinar cançada
Pouzo em teu collo a sciarenta fronte,
E, contemplando as patrias cordilheiras,
Ongo o rugir de tuas cachoeiras!

Mal sabes que profundos dissabores
Passei longe de ti, e de encantos!
Quanto acerbo soffrer, quantos agrôres
Humedei co'as bagas de meus prantos!
Sem um raio sequer de teus fulgores...
Sem ter a quem votar meus pobres cantos...
Ai! O Simun cruel da atroz saudade
Matou-me a rubra flôr da mocidade!...

Vivi bem triste! O coração enfermo
Buscava embriagar-se de harmonias,
Porém via do céu no azul sem termo
Um presagio de novas agonias!...
O helicio do mundo era-me um ermo
Onde as lavas do amor chegavam frias...
Sô noia melancolica miragem
Doirava-me a soldão — a tua imagem!

Caminhei, caminhei sem ter descanço
Ao som das epopéas das florestas;
Caminhei, caminhei e no remanso
Da tarde, ouvi do mar as vozes mestas;
Nas ribas descaneei de um lago manso
Pr'a gosar do talento ás nobres festas,
E adormeci na esmeraldina alfombra
Da palmeira real à grata sombra!

Caminhei inda mais: com nobre empenho
Penetrei no sagrado sanetuario
Onde o genio — em delirio — arrasta o lenho,
Do trabalho, em demanda de um calvario!
Vi surgir sobre a tella, a luz do ingenho,
E povoar o templo solitario,
Da Carioza a languida figura,
De Nhaguassú o feito de bravura!...

Inclinada nas longas penedias
Acompanhei o vôo dos gaivotas;
Meu nome arremessei ás ventanias
Sem que sentisse sensações ignotas!
Da musa do piano as melodias,
De uma flauta canora as doces notas,
O gollo que sorvi n'um mago encio,
Tudo gellado achou meu debil scio!...

Mas apoz negridão de noite lenta,
Na curva do horisonte o sol resplende:
Apoz o horror de tetrica tormenta,
Gazil santelmo lá no céu se acende:
Apoz o latejar da dor cruenta
Vejo-te enfim, ó placida Rezende,
Debruçada no cimo da colliaa,
Serrindo meiga à exhausta peregrina

Abre-me os braços, filha do occidente,
Quero beber teus madidos lares!
Quero escutar o sollugar plangente
Do vento pelas franças dos palmares!
Não vês que no meu labio ha sede ardente?
Que calcinou-me a tez o sol dos mares?...
Ah! mostra ao passo meu tardio, incerto,
A sombra d'arequeira do deserto!

Que saudades que eu tinha das campinas,
D'estes prados e veigas odorantes!
De teu tyroso de candidas neblinas
Recamado de auroras cambiantes!
D'estas brandis aragens matatinas
Que dolejam com as ondas murmurantes,
De tudo, tudo quanto em tí resumes,
Formosa noiva dos estivos lumes! —

Na corolla da flôr de minha vida
Se atinha agora inspiração mais pura;
De meu rio natal a voz sentida
Desperta em mim um mundo de terrura!
Em minha triste fronte empallescida
Mais uma estrophe limpida fulgura,
E no berço de tuas mattas densas
Libo sedenta o orvalho de mil creanças!...

O' filha de Tupan, que um véo de brumas
Estendes sobre o misero precito;
O' ave linda, que as mimosas plumas
Aqueces nos ardores do infinito;
Garça gentil, que surges das espumas
Como da mente do poeta o mytho,
Emquanto a lua ondala pelo espaço
Abre a meu somno eterno o teu regaço!

Narciza Amalia.